



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1155

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CINEMATOGRÁFICAS DA ARISTOCRACIA BRITÂNICA DO INÍCIO DO SÉCULO XX – UMA ANÁLISE DA SÉRIE TELEVISIVA DOWNTON ABBEY

Décio Fernando Moraes Ferrari¹

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE)

André Esteves de Oliveira²

(Universidade Paranaense - UNIPAR)

Resumo: O presente trabalho busca analisar as representações sociais transmitidas pela série televisiva *Downton Abbey* através da moda e suas implicações na hierarquia social. A série, que é criação de Julian Fellowes, tem seu tema baseado na aristocracia britânica. A trama se passa no Highclere Castle, onde os Crawley, uma típica família aristocrática britânica, vivencia uma série de eventos históricos que vão apresentando gradativamente uma ruptura com os anos gloriosos e a entrada da família na modernidade. O programa ainda é responsável por uma precisa análise social da época, onde vestimentas, festas e o próprio modo de vida são temas centrais da série, apresentando suas desigualdades. Como objetivo deste trabalho também se configura uma análise dos problemas sociais e os preconceitos apresentados pela série, como o divórcio, o racismo, a xenofobia e a própria superioridade defendida por alguns membros da família Crawley em relação a outras classes sociais. Dentre os eventos históricos analisados estão o advento da eletricidade, do telefone, a Primeira Guerra Mundial, a crise da aristocracia, as revoltas proletárias do século XX e os casamentos arranjados. A série que inicia sua 6ª e última temporada em 2015, está inclinada a apresentar uma ruptura com os valores aristocráticos e uma abertura ao contexto inglês de meados do século XX. Outro tema de análise são as relações sociais desenvolvidas entre os trabalhadores

¹ Mestrando em Ciências Sociais, vinculado a Linha Democracia e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: ferrarifernando@live.com

² Especialista em Educação Especial (Esap) e licenciado em História pela Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: aandre_ols@hotmail.com

de Downton Abbey, que vivem na propriedade para desenvolver suas atividades laborais e estão ao mesmo tempo muito distantes da realidade vivenciada pelos Crawley.

Palavras-chave: Aristocracia; Downton Abbey; Representações Sociais; Moda.

Downton Abbey, transmitida pelo canal britânico ITV (Independent Television), trata-se de uma série de época ambientada numa pacata cidade do interior da Inglaterra no ápice da crise aristocrática pós-vitoriana. A explícita dificuldade de alguns personagens em se adaptar aos tempos modernos e as relações sociais estabelecidas entre os Crawley e a criadagem são pontos chave da crítica realizada pelo autor ao contexto histórico narrado. A série retrata a vida de uma típica família aristocrática do interior durante o reinado de George V, no início do século XX. Pertencente a várias gerações, a propriedade rural de Downton Abbey encontra-se nas mãos de seu atual senhor, o Conde de Grantham.

Dentro deste cenário o expectador é convidado a conhecer e conviver com dois mundos paralelos. Hierarquizada, na parte superior do castelo está exposta uma inconfundível vida regada de glória, poder e tudo o que alta nobreza patriarcal pode oferecer, mantendo assim, seu cotidiano esplendoroso e faustoso. Em contrapartida, na parte inferior encontra-se a criadagem, dividida numa rígida hierarquia, composta de um grande número de empregados, em sua maioria, sem pretensão alguma de ascensão, pois se orgulham de servirem sua senhoria.

A trama se inicia logo após uma grande tragédia, que é o naufrágio do Titanic. Dentre as vítimas desse acidente encontram-se o primo James e seu filho Patrick, que já estava “predestinado” a casar-se com Lady Mary Crawley, deixando assim a Dinastia Crawley num grande colapso, haja visto que seu herdeiro falecera.

O desespero toma conta da grande família e dos empregados, uma vez que sabem dos segredos de seus senhores e que não gostam de intrusos opinando em sua política. Ao descobrirem que, quem será o novo herdeiro é um primo distante com quem não possuem nenhum contato prévio e que era formado em Direito, Matthew Crawley, de Manchester. Todo esse desespero tem um porquê. Uma cláusula do contrato exige que o herdeiro fique também com todo o dinheiro da família, herdado por Cora, além de administrar toda a propriedade.

Esta relação desenvolvida com a entrada de Matthew e sua mãe na família é o primeiro elemento trazido pelo autor para apresentar as desigualdades sociais e

evidenciar as representações sociais dos Crawley em nome da aristocracia britânica daquele contexto.

Analisar as representações sociais transmitidas pela série através da moda e suas implicações na hierarquia social é nosso objetivo com esta comunicação.

Entre a ficção e a realidade: os dois mundos de Downton Abbey

Matthew e sua mãe Isobel, recebem a notícia e se mudam para a província de Yorkshire. Com um modo de vida um tanto quando excêntrico, seu vestuário ausente de esplendor, causam espanto e uma certa aversão, para com seus novos familiares e seus futuros empregados, o que não os torna menos importantes, entretanto deixam a desejar, já que são pertencentes a grande família e teriam que fazer jus a seus respectivos títulos, com o passar dos tempos vão agradando os que se encontram por perto e adquirindo admiração e carinho, haja visto que, antes eram apenas reportados por respeito e educação.

Para entender melhor toda preocupação em dar a mão da primogênita de Downton para um advogado e ao mesmo tempo um primo distante, é preciso saber que quando Robert Crawley herdou as terras de Downton, a mesma encontravam-se arruinadas.

Precisando urgentemente de investimentos, para que sua economia se reestabelecesse, a solução mais rápida e eficaz adotada para esse problema foi o casamento arranjado com Cora, uma jovem americana herdeira de uma “fortuna nova”.

Cora, que era filha de judeus, não atingia os requisitos para frequentar a alta sociedade e herdar brasões de família, ou seja, todo seu dinheiro não lhe concedia o prestígio de pertencer a alta aristocracia. Em busca deste prestígio, encontra no Conde de Grantham a chance de ser reconhecida e ter um brasão.

Não é à toa que o primeiro casamento arranjado da série remete ao do Conde e da Condessa de Downton. Inspirado em fatos reais de meados dos anos de 1870, observa-se que ao término da primeira Guerra Mundial, foram realizadas cerca de 200 uniões entre jovens milionárias americanas com nobres ingleses falidos. Esse “negócio” foi apelidado de *cash for class*, em tradução livre, dinheiro por nobreza.

Muitas dessas uniões de interesses resultaram em amor, outras não (KOGUT, 2015).

Devido a este passado, sempre que há Condessa de Grantham apoia alguma mudança a favor da modernidade, como por exemplo apoiar a filha a ser enfermeira durante a guerra e, se casar com o chofer da família, ou então em incentivar o simples fato de ter o telefone na grande casa, seu marido questiona seu americanismo. Assim, com tom de humor, a série nos leva a ver a os conflitos culturais entre estadunidenses e britânicos.

Outro fator que supervaloriza a trama é o vestuário sempre impecável. Fica visível e fácil de compreender que em cada temporada um estilo de se vestir, de se comportar, de viver é adotado, acompanhando o fim da aristocracia. Naquele momento “a moda significava sobretudo uma maneira de ser e, por extensão, de vestir-se. Não se fala sempre em modo de vida? Aquilo que se faz. Aquilo que se veste. Aquilo que se diz. Para esses modos, jamais faltaram árbitros” (BRAGA, 2007, p.41).

É evidenciado ainda no começo da história o estilo de vestuário *La Belle Époque* também chamada de Era Eduardina, recebia essa outra nomeação por grande influência do Rei Eduardo VII da Inglaterra, com a silhueta bem marcada em forma de ampulheta, ou em forma de “S” também conhecida, foi amplamente adotada pelas mulheres.

Na parte inferior do look encontravam-se saias com menos volume. O formato de sino e uma leve cauda na parte posterior, deixando assim sua locomoção limitada e sem o mínimo de conforto. Já a parte superior era destacada com decotes e babados, volume nos ombros e mangas mais ajustadas ou curtas.

A personagem de Maggie Smith, a condessa matriarca de Grantham, nos mostra como foi essa época esplendorosa, entretanto, as filhas de Cora e do Conde Grantham nos apresentam uma perspectiva um tanto quanto mais confortável e moderna, uma vez que seus vestidos não possuem cauda e as cinturas são mais retas, com o uso de casacos, chapéus, casquetes, luvas e pérolas *vintage*.

Em 1906, Poiret inovou afrouxando a silhueta formal da mulher, o espartilho, que dava a famosa forma de "S", liberando muito mais o corpo feminino. Contudo, o espartilho foi abolido em 1910 pelas autoridades de saúde, tendo sido substituído por cintas elásticas. O estilo de roupas retas e simples de Poiret se constitui numa influência

decisiva para a moda no século XX, que será marcada por uma tendência generalizada à simplificação. (VALMONT, 2009)

Rodeada de luxo, a Europa dos anos 1910 esteve no auge da prosperidade visual, proporcionando assim gastos exagerados com a forma de se comportar e se vestir, uma vez que a série nos mostra que desde passeios, jantares e bailes são grandes eventos que exigem auto requinte no banquete e vestuário de luxo. Estes vestuários suntuosos aparentavam ser sufocantes e, de certo modo eram, pois, conforto não estava na lista de prioridade das confecções.

Exigia-se que as mulheres ricas, de aristocratas a cocotes, possuíssem e mantivessem enormes guarda-roupas para cumprir as necessidades da ronda social. Uma série de luvas, peles, leques e sapatos de biqueira amendoada, os “pequenos eteceteras da moda”, garantiam que cada traje fosse adequadamente complementado por acessórios. Um guarda-chuva, sombrinha ou bengala, logos e esguios, muitas vezes davam o toque final” (MENDES; HAYE, 2009, p.5).

Não esquecendo dos homens, que usavam terno durante todo o tempo e, substituía-o pelo fraque e ostentosas abotoaduras para casamentos, bailes e jantares. Nos mais jovens sempre cabelo em ordem e a barba sempre feita.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, as pessoas tiveram de readequar seu guarda-roupa com peças mais confortáveis. Na segunda temporada, ainda retratando o fim da Primeira Guerra Mundial, é notável que as cores nas vestimentas se tornam mais sóbrias, já que muitos homens foram à guerra e as mesmas ficaram viúvas, e até mesmo para aquelas que participaram da guerra suas esposas, como por exemplo enfermeiras, necessitavam de praticidade e conforto. Em meio à guerra, os grandes senhores trocam seus ternos e fraques por fardas e medalhas.

Por mais que que a resistência perambulava por Downton, a modernidade insistia em bater a sua porta. Na terceira temporada, passada no pós-guerra, a moda exigia uma simplificação das formas, modelagens menos sisudas, seguindo a regra do menos é mais, sem perder a elegância e o luxo, um dos tecidos mais usados nessa época foi o jérsei.

Nesta temporada destaca-se o *Art Nouveau*, que inclina-se diretamente para as influências do modernismo e do *Art Decó*, que alcança seu auge em 1925.

A grande precursora desse novo movimento é Gabrielle Bonheur Chanel, mais conhecida como Coco Chanel, responsável por romper com o antigo comportamento feminino, defendendo um novo conceito de elegância que vai além da estética.

Naquele contexto, a moda esteve interligada com intelectualidade e atitude, deixando de ser apenas artigo do “luxo” feminino. Para isso era preciso introduzir o uso de roupas mais confortáveis para mulheres que buscavam conquistar seu espaço no mercado de trabalho, inserir-se na sociedade de modo integral e adquirir conhecimento. Uma das frases de Coco Chanel nos remete a realidade vivida dessa época: “O conforto possui formas. O amor cores. Uma saia é feita para se cruzar as pernas e uma manga para se cruzar os braços”.

A atenção agora não está mais voltava para o busto, onde na primeira temporada era possível notar aplicações, rendas e babados. Agora, ela é voltada para os tornozelos e membros inferiores. Percebe-se que os vestidos estão mais curtos, a silhueta com forma tubular, deixando às costas e os braços a mostra.

A figurinista da série Caroline McCall, relatou em uma de suas entrevistas que, a grande inspiração para o figurino de Lady Mary Crawley durante toda a trama, fora inspirado no grande nome da moda, Coco Chanel, colares compridos, boinas, cardigãs blazers, vestidos com cortes mais retos fazem toda uma referência para a mesma (ALMEIDA, 2013).

Inclusos no quesito da moda, os cabelos também exercem uma função. Uma primeira impressão, aparentemente parecem curtos de modo geral, entretanto, quando nos deparamos com cenas mais íntimas seja ela na preparação para dormir ou mesmo na preparação para uma festa, vemos que os cabelos são compridos e, cuidadosamente são enrolados e manipulados até tomarem forma de coques baixos. A maquiagem é sempre em tons leves, apenas para destacar e deixar com aparência saudável.

O movimento da *Art Decó*, se torna mais evidente uma vez que a mudança no vestuário se intensifica com aplicações de franjas, plumas, paetês e tiaras mais exuberantes, e até a mesmo a modificação nos calçados, o salto fica mais fino e mais alto, a biqueira assim chamada a frente do calçado toma uma forma mais fina, despertando um ar de sedução, imponência e poder. “A sedução da moda, tanto

naquela época como agora, encontra-se no fato de que parece oferecer à pessoa a possibilidade de se tornar diferente de alguma forma” (CRANE, 2006, p.135).

Na criadagem, a preocupação com a vestimenta é muito grande, não muito diferente da preocupação de seus senhores, com suas peculiaridades é claro, em seu tempo livre é possível observar que usufruem do tempo para consertar suas roupas, engraxar seus sapatos, pois a falta de um simples botão, ou mesmo uma parte amarrotada era motivo de advertência, sempre com os cabelos presos, a vaidade parecia não existir para as mulheres do andar de baixo.

Uniformes em perfeitas condições, aparência saudável, submissão e predisposição eram requisitos básicos para a convivência em Downton, sua perspectiva de vida girava em torno de servir seus senhores até se aposentarem, ou mesmo viverem servindo até o fim de suas vidas, pois, se manter em uma propriedade servindo uma família durante anos, era sinônimo de competência e orgulho.

Do ponto de vista dos Crawley e dos criados, Downton era muito mais que um grande castelo luxuoso à beira da falência e prestes a abandonar a aristocracia. Nesse contexto, Mr. Carson e Mrs. Hughes acabam agindo de forma paternal com os criados.

A vida no andar de baixo funciona como uma implacável rotina, onde os afazeres começam muito antes de seus senhores deixarem seus aposentos, é preciso entender que em Downton Abbey seria como um organismo, tinha seu próprio mecanismo de funcionamento, uma organização inerente, onde todos dependiam dos seus respectivos trabalhos para darem continuidade a vida, dado que a falta de um de seus personagens punha em risco todo o funcionamento da grande propriedade.

A trama procura abordar outro tema muito importante, ainda presente em nossa sociedade, que é a questão do racismo. Com a chegada de Lady Rose, vivida pela atriz Lily James, - a prima moderninha assim denominada – esta surge com a função de estremecer as bases conservadoras dos moradores de Downton. Embora resistentes, já haviam provado do gosto de alguns desses fatos, como o casamento da filha mais nova Lady Sybil com o motorista e socialista Tom Branson, que desde pequena era a ovelha negra da família, tendo forte orientação para a política e pela ascensão da mulher na sociedade.

Retomando o pensamento na questão do racismo, Lady Rose parece dar um fim ao marasmo presente em Downton, com visual moderno, a feminilidade afluída e pouca idade, Lady Rose procura causar frisson a todos que estão a sua volta, com ideias e atitudes inesperadas para a época.

Seu momento de mais rebeldia é visto quando a mesma se envolve com o músico negro, é forçada a romper esse relacionamento, onde aparenta existir um sentimento verdadeiro.

Outro evento ao qual Rose envolve-se é referente ao seu próprio casamento. O pretendente de Rose nesse momento é judeu, de uma família fortemente tradicional, enquanto Rose é anglicana. Rose passa a ser julgada pelo seu futuro sogro, seja por sua religião, por suas atitudes ou roupas. A situação só melhora quando Rose descobre e a acoberta um filho fora do casamento que seu sogro possui, demonstrando assim um falso moralismo.

A chegada da modernidade se intensifica a partir da quarta temporada, com tom de humor, porém, sem perder sua severidade existente, a introdução de eletrodomésticos nos afazeres do dia-a-dia dos criados, prometem causar uma revolução em seu modo de viver.

Como sempre, o advindo desses produtos não é bem aceitos de antemão pelos aristocratas, ameaçando assim, todo o trabalho realizado pelos criados, o que de fato a revolução industrial trouxe comodidade aos seus senhores e uma nova visão de mundo.

Com o advento da modernidade e a chegada de uma série de comodidades, como o automóvel, a eletricidade e a vitrola, a aristocracia dos Crawley destaca-se na pequena província de York como uma pioneira a receber estas novas tecnologias, que constantemente são exibidas desde o início da série em glamorosas festas ao longo dos anos.

Nas referidas festas, observadas desde a primeira temporada (2010), os Crawley e seus convidados ostentam artefatos finos, roupas desenvolvidas exclusivamente para aquela ocasião e que provavelmente nunca mais seriam usadas, enquanto os criados – principalmente os destinados a parte de preparação destas festas, como Daisy e Ms. Patmore, cozinheiras dos Crawley – esforçavam-se para subir as escadarias durante a festa, geralmente escondidos de seus

superiores³ apenas para vislumbrar o glamour ostentado pelos Crawley no famoso salão de festas.

Ainda nestas festas, observa-se nos criados – ao menos na maior parte deles – a estrita consciência de impossibilidade de ascensão no sistema da aristocracia britânica, onde a perspectiva de vida de muitos era seguir com um bom trabalho em Downton e na velhice ter uma boa aposentadoria.

O período analisado pela série, caracteriza bem o fortalecimento do consumo e da moda como elementos de distinção social. Embora que essa distinção tenha sido construída socialmente ainda em séculos anteriores em diferentes Estados Modernos europeus, é no início do século XX que ela é mais evidenciada na aristocracia britânica.

A distinção social é, em suma, desenvolvida no cenário mundial a partir do momento em que o capital prevalece sobre o cultural, ou seja, as práticas e costumes passam a receber forte influência do poder aquisitivo de uma restrita camada social em desenvolvimento desde a Idade Média: a burguesia.

Como observado por Pierre Bourdieu (2007, p. 47), o admirável, o vulgar, são constituídos pelo capital acumulado historicamente pela humanidade ao longo dos anos e está definido por meio da lógica do poder. Na série, a distinção social é claramente definida pelo capital econômico e apresenta uma forte relação de admiração/desejo por parte dos criados ao padrão de vida dos Crawley.

Norbert Elias (1994, p. 177-177), ao analisar a história dos costumes e do processo civilizador a partir da formação do Estado Moderno, observa que algumas atitudes do homem contemporâneo, causariam espanto e sentimentos de selvageria em um homem medieval ou de um contexto muito diferente que o nosso.

Ainda que a análise de Elias tenha sido feita em um contexto muito semelhante ao dos Crawley (o livro foi publicado em 1939), muitas são as atitudes incorporadas em nossa sociedade que seriam declaradas selvagens pelos membros mais conservadores da família ou ainda da criadagem. A normatização dos hábitos e dos costumes são um ponto alto da produção da série, que destaca e dramatiza

³ O papel da governanta (Ms. Hughes) é vivido por Phyllis Logan e o temido mordomo, Mr. Carson, é vivido por Jim Carter, que vivem um discreto romance platônico desde a primeira temporada, mas que só foi intensificado na quinta temporada. Na série, os dois possuem uma postura totalmente distinta. Enquanto Mr. Carson é extremamente autoritário com os criados e muito leal aos Crawley, Ms. Hughes exerce um papel maternal com estes, acobertando pequenas mentiras e fazendo frente aos pedidos mais temidos que dependem da autorização do Mr. Carson.

questões polêmicas para o momento, como a gravidez fora do casamento de Edith, a filha do meio dos Crawley.

Ao passo que a série é desenvolvida e a crise se torna eminente, os Crawley passam por uma série de aberturas sociais, embora que a questão dos criados e possibilidade de ascender socialmente ainda estivessem muito distantes, marcada por uma forte imobilidade social.

Um exemplo explícito desta é imobilidade é a questão da moda. Ao passo que os anos passam – 1912 a 1924 – algumas peças de roupas são inseridas na família, assim como a intensificação de cores, cortes e tamanhos, embora sempre com certa reprovação do Lord Grantham e de sua mãe. Em contrapartida, as vestimentas dos criados, mesmo aqueles com uma maior proximidade com a família, como os valetes e as damas de companhia, permanecem intactas. A impressão que se tem é que os mesmos trajes são utilizados da primeira a quinta temporada, fazendo jus ao contexto social ao qual a série se propõe.

Ao analisar a questão da moda e sua mobilidade, Fernand Braudel (2005, p. 285-286) afirma que a moda de um modo geral tardou a ocorrer na nobreza europeia, tendo sua intensificação somente após 1750, mas sempre muito restrita a nobreza e a burguesia, o que justifica a imobilidade no vestuário dos criados apresentada pela série.

Além da questão da moda como distinção social, a série ainda retrata uma série de eventos que vão modificando a aristocracia britânica. O divórcio, por exemplo, tratado como tema de segregação social na série, acaba por tornar-se um problema na família Crawley quando uma prima da família e seu esposo que vivem na Escócia entram um processo de divórcio e sua filha Rose vai morar em Downton, devido sua complicada relação com a mãe.

Considerações finais

Observa-se que a alta aristocracia britânica viveu seus anos de glória entre o fim do século XIX e o início do século XX. Esta classe, que enriqueceu-se a partir do século XV, viu seus dias gloriosos declinarem a partir da Primeira Guerra Mundial.

Downton Abbey representa bem esta crise. Narrada com figurinos e eventos que esbanjam luxo, a série surge como uma ferramenta de representação daquele

determinado contexto histórico, expondo suas desigualdades e como alguns fatores como capital econômico, cultural e a própria moda tornam-se instrumentos de distinção social.

A própria resistência à tecnologia é um fator que caracteriza esta distinção social e marca as representações sociais transmitidas ao público, visto que algumas profissões como a de músico e a advogado são tratadas com desprezo por alguns personagens da série por serem profissões da classe média.

Outro ponto que justifica essa distinção social é a relação patrão x empregado tratada pela série. Os criados, que vão sendo reduzidos a medida que a série avança no tempo, possuem um padrão de vida muito diferentes de seus patrões. Boa parte deles passarão a vida toda servindo e vivendo em Downton, tendo inclusive seus relacionamentos familiares e afetivos distanciados, devido à dedicação integral ao trabalho.

Assim, conclui-se que a série faz jus ao que ela pretende, que é apresentar as desigualdades sociais, econômicas e culturais que marcaram a queda da aristocracia britânica no século passado.

Bibliografia

ALMEIDA, Ana P. de. **O figurino de Downton Abbey**. Disponível em: <<http://souphyna.com.br/o-figurino-de-downton-abbey/>>. Acesso em 17 ago. 15.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRAGA, João. **História da moda**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **As Estruturas do Cotidiano: Civilização Material, Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CRANE, Diana. **A roupa e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v I.

_____. **O processo civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, v. II.

KOGUT, Patrícia. **Os casamentos arranjados que inspiraram ‘Downton Abbey’**. Disponível em: <<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2015/01/os-casamentos-arranjados-que-inspiraram-downton-abbey.html>>. Acesso em 20 ago. 2015.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. **A Moda do Século XX**. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

VALMONT, Chris Valmont. **História da Moda – início do Séc. XX**. Disponível em: <<http://anosloucos.blogspot.com.br/2009/09/historia-da-moda-inicio-dosec-xx.html>>. Acesso em 14 ago. 2015.